

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Entre pais e filhos:

laços familiares e sociais na sociedade Tupinambá na crônica de

Jean de Léry (1578)



JANNAINA DA SILVA ALVES

Natal
2005

JANNAINA DA SILVA ALVES



Entre pais e filhos:

laços familiares e sociais na sociedade Tupinambá na crônica de

Jean de Léry (1578)

Monografia de fim de curso apresentada como requisito de avaliação da disciplina de Pesquisa Histórica II (DEH0046) do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Ms. Roberto Airon Silva.

Natal
2005

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão para Deus e para os seres humanos que mais amo, sem hierarquia. No meu coração e na minha vida tem um lugar especial para cada um de vocês.

A Deus, por tudo, principalmente por ter me presenteado com a família que não escolhi, mas que é perfeita, e pelos meus amigos que são a família escolhida por mim, minhas fortalezas.

A minha mãe Zézia e ao meu pai José, fontes de toda minha determinação e detentores de sabedoria infalível. Obrigada por toda a estrutura e amor!

Ao meu irmão Ricardo, inspiração para questionamentos e respostas importantes na minha vida!

A minha sobrinha Letícia pelos momentos de festa!

A minha cunhada Karise pela força na digitação, pela paciência e pelas risadas (vou tentar aquele “diploma adicional” para você).

A Dora, pela dedicação e entrega a mim e especialmente à minha filha e aos meus projetos.

As minhas amigas-irmãs: Ana Paula, pelo amor incondicional e apoio; Kelle, o seu amor de mãe me fortalece; Juliana, minha “personal for all”, pelo carinho, atenção, pelos conselhos e *inclusive* os momentos de diversão; Lê, pelas boas conversas e carinho.

A Gustavo, pelos momentos de deleite com boa música, pelos exercícios e pelos “papos-cabeça” em momentos tão desgastantes do meu percurso .

A todas as representações da minha turma de origem, 2000; aprendi muito com essa diversidade.

A Professora Maria Emília pela compreensão e atenção em momento tão ocupado da minha primeira viagem pelas terras da maternidade.

Ao meu orientador, Roberto Airon, que me acolheu com toda atenção e paciência, nos vários momentos de desespero e falta de estímulo.

A todos os professores do departamento de História.

E finalmente à minha filha, amiga, princesa, jóia rara, meu tesouro, **Alice**, meu amor. Esse trabalho e a minha vida são seus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. LÉRY ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: BREVE VIAGEM PELOS DOMÍNIOS DESTA HISTÓRIA.....	08
2. NA VISÃO DE LÉRY: LAÇOS TUPINAMBÁ.....	17
2.1. Laços de maternidade.....	22
2.2. Laços de fraternidade.....	24
2.3. Laços de paternidade.....	24
3. LAÇOS FAMILIARES: ENTRE A TERRA DO BRASIL E A EUROPA.....	26
3.1. Visão geral sobre o indígena.....	26
3.2. Visão geral da família na Europa.....	27
3.3. Laços de maternidade europeus.....	30
3.4. Laços de fraternidade europeus.....	31
3.5. Laços de paternidade na Europa.....	33
CONCLUSÃO.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	38

INTRODUÇÃO

A partir da crônica de Jean de Léry, “Viagem à terra do Brasil” - a fonte primária desse trabalho de pesquisa, pretendeu-se entender as representações feitas pelo cronista acerca da família Tupinambá, através dos conceitos que ele trouxe pré-definidos do seu contexto europeu.

Assim, ao viajar para o Brasil, em um contexto de conflitos religiosos - Reforma Protestante - da qual Léry era militante, e em busca de uma liberdade religiosa com a promessa de fundar na América uma colônia, onde os seguidores da reforma protestante pudessem professar sua fé com liberdade deu-se o nome do projeto de França Antártica, mas que após desentendimentos com os líderes do empreendimento, Léry vai viver entre os “selvagens” e é aí que se dá todo o processo de construção das representações das práticas indígenas. Assim, as representações passam a ter uma conotação diferenciada, pois o cronista francês não conseguiu se desvencilhar de todas as representações européias ao escrever sobre os costumes indígenas.

Esse trabalho pretende dentro de muitos aspectos possíveis de serem abordados, analisar os laços familiares ou de parentesco e os laços sociais existentes na crônica do francês Jean de Léry, que viveu entre os índios Tupinambá na Baía de Guanabara, no século XVI. O cronista escreveu sobre os costumes e rituais dos indígenas, assim como tudo o que viu na viagem de ida e no seu retorno para a Europa, descreveu também a fauna e a flora do Brasil.

Após dezoito anos de seu retorno para a Europa, Léry escreveu seu livro “Viagem à terra do Brasil”, que se transformou em um dos livros de viagem mais lidos da época.

Essa pesquisa está inserida no campo da História Cultural, aonde, utilizamos como referências bibliográficas principais, os livros de Roger Chartier “A História Cultural: entre

práticas e representações”¹ e Philippe Ariès e Roger Chartier, com sua obra “História da Vida Privada”² e “História Social da Criança e da Família”³

Também utilizamos trabalhos que trataram das crônicas de viagem, como Leyla Perrone-Moisés⁴, em seu artigo sobre os viajantes franceses e César Braga-Pinto, com seu trabalho intitulado “As promessas da história”.

Dessa forma, pretendemos perceber a visão moral do autor no que diz respeito às relações familiares e sociais entre os índios na França Antártica, como também notar a educação dada aos filhos entre os “selvagens” e entender de que forma a cultura de Jean de Léry influenciou na visão do cronista sobre os indígenas.

A opção de estudar tais aspectos advém do interesse de analisar as representações feitas por Léry em relação aos Tupinambá, e perceber até que ponto ele consegue dissociar-se ou associar-se de sua cultura e em que sentido(s) o seu trabalho se aproxima dos trabalhos que agrupam informações sobre determinada sociedade, como fez Philippe Ariès e Roger Chartier ao utilizarem-se dos diários de família para entender a sociedade europeia do século XVI, por exemplo.

Portanto, essa pesquisa foi dividida em três capítulos, onde o primeiro esclarece as condições de produção da obra e em que campo de estudo da História, esse trabalho está inserido, bem como, e apresenta autores que se fizeram necessários para o entendimento e embasamento do trabalho.

¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

² ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada**. v. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

³ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

⁴ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry. **Revista USP**. n. 30, São Paulo, 1996, p. 86-93.

No segundo, é apresentada de forma ordenada os aspectos da obra de Léry, os quais são o objeto desta monografia, assim como um agrupamento desses assuntos nos diversos tipos de laços existentes entre os Tupinambá.

No terceiro, há um ordenamento das representações de Léry e das práticas européias que se inserem no objeto aqui estudado, bem como uma análise do texto do cronista com todas as influências recebidas por ele no contexto no qual ele estava inserido.

1. LÉRY ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: VIAGEM PELOS DOMÍNIOS TEÓRICOS DESTA HISTÓRIA

A definição do meu objeto de estudo foi o ponto de partida da minha pesquisa. Sobre o que pesquisar dentro de um campo tão extenso e abrangente de temas? Qual abordagem histórica deveria seguir? Após uma busca pessoal por um tema inserido no período chamado colonial, na história do Brasil, fui apresentada às crônicas de viajantes, especificamente a do francês Jean de Léry. De imediato interessou-me o seu livro, “Viagem à terra do Brasil”, do qual me apropriei em busca de um objeto de estudo que estivesse inserido em tão interessante relato, o qual tornou-se a principal fonte dessa pesquisa.

Dessa forma, nosso foco de atenção são os laços de parentesco e os laços sociais entre os índios Tupinambá que viviam na Baía de Guanabara, no século XVI, vistos e construídos através do olhar de um viajante huguenote que estava na América em uma missão religiosa.

Após a definição do objeto, entrei em contato com o referencial teórico, a chamada história cultural de Roger Chartier⁵, com suas noções de práticas e representações definidas por esse seguimento da história. “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”⁶ Além disso estudamos textos que tratam da história da família e do cotidiano europeu do século XVI, Philippe Ariès⁷, Robert Darnton⁸, Marcos Cezar de Freitas⁹.

A história cultural trata, então, das representações construídas que são determinadas pelo interesse do grupo que as inventa. Dessa forma, é dada às lutas de representações a mesma

⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.**

⁶ Ibidem, p. 16

⁷ ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada.**

⁸ DARTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História.** São Paulo: EDUSP, 1992.

⁹ FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

importância das lutas econômicas, no que diz respeito à compreensão do que é imposto por um grupo, sua visão de mundo, os seus valores e o seu domínio.

Daí a necessidade de ler textos que tratam da vida cotidiana européia, na tentativa de entender as mudanças provocadas por tais reformas. Como também, de uma bibliografia que trata do tema indígena no período estudado, buscando nelas informações e visões que complementem esse trabalho de pesquisa.

A história do cotidiano e da família é uma área de estudos da história cultural, e para alcançar o objeto pretendido nessa pesquisa, é necessário rever autores que tratam desses temas.

Jacques Le Goff¹⁰ afirma que a história do cotidiano evoluiu, uma vez que o objeto de estudo dos historiadores atuais difere do pesquisado pelos estudiosos setecentistas, pois os últimos não se interessavam pelo cotidiano que se vivia e sim por elementos afastados no tempo, os quais eram difíceis de conhecer diretamente. Essa história do cotidiano, para Le Goff, passou a fazer parte dos interesses mais recentes da História.

Entretanto, para Le Goff a história do cotidiano só tem validade se inserida em uma análise histórica, contribuindo para explicar os processos históricos.

Outro autor que trata do tema é Georges Duby¹¹. Ele liga uma história da vida privada a uma do cotidiano, cuidando para que essa história não se confunda com uma história do individualismo. Essa história da vida privada se opõe, segundo ele, à noção que se tem de “público” e está inserida na área familiar e doméstica, na qual os indivíduos se libertam das máscaras e armas que utilizam no espaço público.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. História do Cotidiano. In: DUBY, Geoerges et alli. **História e nova história**. Lisboa: Ed. Teorema, 1986.

¹¹ DUBY, Georges (Org). **Historie de la vie privée**. Paris: Seuil, 1985. Apud DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

Segundo Legrand D'Aussy¹², a abordagem da vida privada não é um tema novo e foi recuperado pelos historiadores dos *Annales*, dada a necessidade de uma história antropológica.

Já Michel de Certeau¹³, ao tratar das narrativas de viagem e de suas estruturas do conhecimento, afirma que o livro de Léry “dá uma forma circular ao movimento que ia de cima (a França) para baixo (os Tupi). Transforma a viagem em um ciclo.”

Este trabalho de pesquisa se adequa à história cultural porque esta tem como fontes de estudo,



as visões de mundo, os sistemas de valores, sistemas normativos que constroem os indivíduos, os ‘modos de vida’ relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos.¹⁴

Dentre os escritores brasileiros que primeiramente trataram de elementos de uma História Cultural pode-se destacar Capistrano de Abreu¹⁵, que em seus *Capítulos da História Colonial*, trata da pluralidade cultural do Brasil dada à colonização europeia desse território, a “cultura material influenciada igualmente pela pluralidade étnica dos habitantes: mestiçagem condicionada, variada e cambiante, composta das ‘três raças irredutíveis’ que a colonização compeliu à convivência[...]” Outro que também escreveu através de uma linha cultural foi Paulo Prado¹⁶, que em seu livro *Retrato do Brasil*, tenta compreender uma identidade tipicamente

¹² D’AUSSY, Legrand. Histoire de la vie privée des français. Apud DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da história**.

¹³ CERTAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982

¹⁴ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹⁵ ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. 6.ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1976.

¹⁶ PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: s.n., 1928.

nacional através dos sentimentos: luxúria, cobiça, tristeza e romantismo, descrevendo hábitos dos luso-brasileiros até chegar aos dos brasileiros propriamente ditos.

Gilberto Freyre¹⁷ foi quem trouxe inovação para a história cultural brasileira, sendo o pioneiro na análise da infância, da festa, da velhice, da morte, da família, do amor, da comida, da paisagem e da natureza. Em sua obra *Casa Grande e Senzala*, ele inova também nas fontes de pesquisa, utilizando-se de anúncios de jornais, de diários e correspondências de famílias, além de narrativas de viajantes estrangeiros, livros de receitas, fotografias, cantigas de roda e a tradição oral, aumentando as opções de fontes para o historiador da cultura no Brasil, além de inovar no método.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda¹⁸ marca o início de uma história cultural madura e rigorosa quanto à metodologia e à teoria adotadas. É nesse livro que, pela primeira vez, são abordados temas ligados à cultura com a metodologia rigorosamente adequada ao objeto. É nesse ponto que Sérgio Buarque aproxima-se dos historiadores dos *Annales*, dadas as semelhanças temáticas e metodológicas ao utilizar como objeto de estudo a vida material, as mentalidades, o imaginário.

Laura de Mello e Souza¹⁹ faz um apanhado da história da cultura do Brasil colônia em seu texto *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colônia*. Afirma ela:

A história da cultura concebida por Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 40 e 50 não difere muito da história cultural praticada hoje, ressaltando-se evidentemente o maior rigor e cuidado que o conceito de cultura tem recebido mais recentemente no âmbito da antropologia, de onde vem ganhando os domínios da história

¹⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. : as origens da família patriarcal brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

¹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

¹⁹ SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

A literatura dos viajantes já foi estudada por muitos historiadores, pois vários aspectos desses textos tornaram-se objeto de pesquisa. Dentre os quais destacamos os textos de Regina Horta Duarte²⁰, chamado *Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri*, em que a autora analisa, a partir do relato de viajantes que estiveram no vale do rio Mucuri, em Minas Gerais, as representações imaginárias construídas acerca de uma grande área da Mata Atlântica, praticamente intocada até meados do século XIX.

Outro trabalho que podemos destacar é o de Valéria Salgueiro²¹, *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. Nesse texto é analisado o pioneirismo das viagens por curiosidade, prazer e amor à cultura no século XVIII. É através dos diários de viagem à Itália de três “turistas” que a pesquisa foi feita, observando também as condições nas quais a viagem foi realizada, as rotas, os meios de transporte, guias e acomodações, todas essas abordagens, permeando o universo cultural e o gosto pela arte e arquitetura dos chamados turistas.

Nota-se, assim, que sempre houve um grande interesse por esse tipo de literatura, inicialmente ela não era utilizada como fonte histórica, mas com a evolução da história cultural e da história antropológica, essa foi se tornando fonte de pesquisa tanto para antropólogos como para historiadores.

Há autores que tratam dos viajantes franceses que estiveram no Brasil; dentre eles destacamos: Leyla Perrone-Moisés²², que em seus textos sobre o Brasil descoberto pelos franceses trata de três deles: Paulmier de Gonneville, André Thevet e Jean de Léry, que é a fonte

²⁰ DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**. v. 22, n. 44, São Paulo: ANPUH, 2002. p. 267-288.

²¹ SALGUEIRO, Valéria. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**. v. 22, n. 44, São Paulo, 2002, p.289-310.

²² PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Alegres trópicos**: Gonneville, Thevet e Léry, p.90.

dessa pesquisa. Sobre esse último afirma a autora: “Léry é o mais fascinado por estes alegres trópicos. Em sua existência sofrida de protestante que vivenciou as guerras de religiões, a viagem ao Brasil foi um intervalo feliz que ele recordaria mais tarde com nostalgia.”

Outro que também pesquisou sobre Léry foi César Braga-Pinto. Diz ele: “[...] os relatos franceses do encontro com os indígenas brasileiros são caracterizados por vários gestos ambivalentes.[...] essas narrativas frequentemente representam novos modos e estratégias de dominação.”²³ Esclarece ainda que a viagem feita por Léry serve para reavaliar a nação francesa e faz em seu texto um apanhado da narrativa desse viajante enquanto fonte de conhecimento e de representação do outro. Além disso, destacou a adaptação do francês aos modos e costumes indígenas, como forma de deixar-se vivenciar experiências que antes não poderiam, ao menos, ser imaginadas como possíveis por um europeu huguenote. E é nesse aspecto de análise que se enquadra o objeto de estudo dessa pesquisa.

Posto isso, é importante lembrar as condições de produção da obra “Viagem à terra do Brasil”, principal fonte dessa pesquisa, escrita no contexto da Reforma Protestante do século XVI. Seu autor, o francês Jean de Léry, que havia se convertido ao protestantismo calvinista, viajou para a Baía de Guanabara em setembro de 1556, e constatando os desmandos do seu anfitrião, Durand de Villegagnon, passou a conviver entre os índios Tupinambá, habitantes daquela região, onde permaneceu por quase um ano. Dessa maneira, observou seus hábitos, suas práticas e seus costumes. É necessário afirmar que esse relato só foi escrito após dezoito anos do retorno de Léry à Europa, devido às perseguições que enfrentou por conta de sua opção religiosa.

Em relação aos contratemplos enfrentados nas duas primeiras tentativas de publicar suas memórias, esclarece Léry:

²³ BRAGA-PINTO, César. **As promessas da história**: discursos proféticos e assimilação no Brasil Colonial (1500-1700) São Paulo: EDUSP, 2003, p. 125

[...] já em 1563 entregava eu, ao deixar a cidade em que me encontrava, uma assaz ampla narrativa a um de meus amigos; mas aconteceu que as pessoas a quem este remeteu o manuscrito, para que me fosse devolvido, o perdera às portas de Lyon e não foi mais possível encontrá-lo. Em vista disso, com ajuda dos rascunhos que fui solicitar ao copista, reconstituí o manuscrito, [...] mas ao terminar essa nova redação, estando eu em La Charité sur Loire, vi-me forçado a fugir às desordens aí provocadas contra os da religião e a refugiar-me em Sancerre. Depois da minha partida tudo foi pilhado e, essa segunda cópia de minha narrativa perdida também.²⁴

A obra de Léry foi a mais reeditada e reimpressa da sua época, pois foi lida como livro de viagem e aventura e traduzida para o holandês, o alemão e o latim. A primeira edição só foi editada em 1578, a segunda em 1580 e foi essa edição que serviu para a reimpressão do livro que é a fonte desse trabalho, mas com as devidas adições e correções. A terceira e a quarta edições foram feitas da segunda, em 1585 e 1594, respectivamente. A quinta é de 1599, reproduz a anterior e foi dedicada à princesa de Orange. A sexta edição foi de 1600 e a sétima de 1677. Assim, notamos que o livro de Jean de Léry, apesar de ele não ter sido um escritor, nem aprendido a lê-lo, obteve grande sucesso além de ter grande valor para o conhecimento dos indígenas que viveram no litoral do Brasil à época da colonização. É importante lembrar que houve dificuldade para a tradução da obra de Léry, devido aos termos que hoje em dia são utilizados com outro sentido, além de palavras que se tomaram obsoletas ao longo da evolução da língua francesa.

É no contexto de perseguições e mudanças ocorridas na Europa no século XVI, e após o longo período em que havia retornado, que sua crônica sobre a terra do Brasil será escrita e publicada. Deve-se levar em consideração esses fatores, pois a importância de sua obra, como diz Sérgio Millet, tradutor do livro “Viagem à terra do Brasil”, reside no fato de que:

Léry revela em toda sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização Ocidental: o senso da relatividade, dos costumes, a 'simpatia', no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e à análise objetiva de suas atitudes. [...] como homem de carne e osso que era, com defeitos como todos nós, não podia mostrar-se isento por completo de paixões. [...] Era-lhe difícil fugir à maior paixão do meio em que viveu e se formou: a paixão religiosa.²⁵

É importante ressaltar que Léry como militante da Reforma Protestante, conseguiu fugir por, pelo menos, duas vezes da fúria dos católicos que lutavam contra protestantes na Europa. Um desses momentos, ficou conhecido como "A noite de São Bartolomeu", episódio no qual foram massacrados por volta de 100.000 huguenotes. Esse movimento começou na noite do dia 23 de agosto de 1572, véspera do dia de São Bartolomeu (um mártir da Igreja Católica). Os massacres aconteceram também em outras cidades francesas, como Toulouse, Bordéus, Lyon, Bourges Rouen e Órleans. O huguenote Jean de Léry era uma das prováveis vítimas desse massacre, mas conseguiu fugir para Sancerre, onde escreveu a "Narrativa do cerco de Sancerre", publicada em 1574. Dados esses transtornos ele não conseguiu voltar à França. Faleceu em 1611, em Berna, na Suíça.

O livro de Léry, fonte dessa pesquisa, é uma tradução feita por Sérgio Millet, baseada na tradução de Paul Gaffarel, é dividida em vinte e dois capítulos, os quais são enriquecidos com notas de Plínio Ayrosa. Alencar Araripe foi o primeiro a traduzir a obra de Léry, mas com graves erros de interpretação dada à dificuldade de passar para outro idioma o francês antigo. É uma reprodução integral da segunda edição, mas com as diferenças das outras edições colocadas em notas históricas e geográficas. A tradução é enriquecida de comparações com os autores mais

²⁵ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p.16

importantes que escreveram sobre o Brasil, principalmente os contemporâneos de Léry, como André Thevet, por exemplo.

2. NA VISÃO DE LÉRY: LAÇOS TUPINAMBÁ

Jean de Léry trata em sua crônica dos vários aspectos da terra do Brasil trazendo descrições da fauna, da flora e do rio Guanabara, por exemplo. Entretanto, refere-se também ao cotidiano dos índios Tupinambá, o que se relaciona com o objeto dessa pesquisa.

O indígena observado por Léry é, portanto,

[...] um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados [...] com lábios fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpos pintados, coxas e pernas riscadas de preto [...] ,e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço.²⁶

A crônica de Léry deixa claro que as relações sociais dos indígenas brasileiros podem ser compreendidas através do modo como se tratam, de como tratam os amigos estrangeiros e de como se relacionam com os inimigos prisioneiros de guerra. Afirma Léry, sobre a forma que se dá a justiça entre os selvagens

Se acontece brigarem dois indivíduos (o que é tão raro que durante a minha permanência de quase um ano entre eles só me foi dado presenciar duas vezes) não procuram os outros separá-los ou apaziguá-los; deixam-nos até furarem os olhos mutuamente sem dar palavra. Entretanto se um deles é ferido prendem o ofensor, que recebe dos parentes próximos do ofendido ofensa igual e no mesmo lugar do corpo; e ocorrendo morrer a vítima, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino. Em resumo, é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc.²⁷

²⁶ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p.117

²⁷ Ibidem, p.229

Mas são os laços sociais entre esses indígenas que ficam claros em vários momentos no texto da crônica “Viagem à terra do Brasil”, pois, já nos primeiros capítulos, Léry descreve a admiração dos selvagens que nunca haviam visto mulheres vestidas.

Nos laços sociais mantidos entre si, fica claro que os índios podiam ter quantas esposas quisessem e isso era uma forma de medir sua valentia, quanto maior o número de esposas, mais valente seria o “selvagem”. As esposas não tinham, com isso, ciúmes, mesmo quando não era a preferida do marido, como esclarece Léry: “O que me parece admirável é que havendo sempre uma, entre elas, mais amada do marido, não se revoltam as outras e nem sequer demonstrem ciúmes; vivem em paz, ocupadas no arranjo das casas, em tecer, limpar a horta e plantar suas raízes.”²⁸

Entretanto, o adultério feminino não era admitido em nenhuma hipótese. A mulher que fosse pega cometendo tal ato seria repudiada, abandonada ou morta pelo marido. Curioso é que as filhas eram desde cedo, prostituídas pelos pais, os quais as ofereciam aos estrangeiros em troca de objetos, que para os índios tinham grande valor, como miçangas, anzóis e facas, mas ao casar a esposa deveria ser fiel ao marido. Importante ressaltar que mesmo com tal comportamento, as mulheres não ficavam com má fama. E ainda “com relação ao casamento dos tupinambás afirmarei, dentro da possível decência, que, ao contrário do que se imagina, os homens conservem sua honestidade natural e nunca copulam com suas mulheres em público”²⁹

Ao tratar da convivência dos estrangeiros com as mulheres “selvagens” nuas, deixa claro que aquela situação não os atrai como poderiam pensar alguns que não conviveram entre os

²⁸ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p.223

²⁹ *Ibidem*, p.227

índios. Diz ele: “a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam.”³⁰ Como também não admite aquela situação de nudez entre os europeus.

Em relação à receptividade com os amigos estrangeiros, o francês afirma que “Os [...] tupinambás recebem com muita cordialidade os estrangeiros que os vão visitar [...]”³¹. Outro relato interessante feito pelo cronista é ao narrar a sua primeira visita a uma aldeia, chamada pelos franceses de *Pépin*, escreveu ele:

[...] quando ali entrei vi-me logo rodeado por inúmeros selvagens que me perguntavam: - *Marapê-dererê, marapê-dererê*, isto é, “como te chamas?” [...]. Um deles tomou então o meu chapéu e o pôs na cabeça; outro pegou na minha espada e cinto e os cingiu; outro tirou-me o casaco e o vestiu; e todos me aturdiam com seus gritos enquanto corriam pela aldeia com os meus trajés e no meio dessa confusão eu já nem sabia onde me encontrava. Meu enleio provinha entretanto de ignorar que assim fazem com todos os estrangeiros, o que pude verificar posteriormente, sobretudo com aqueles a que nunca viram. Mas depois de se divertirem bastante com os objetos alheios eles os restituem a seus donos.³²

Também é importante lembrar que no ritual de recepção dos viajantes europeus, principalmente os franceses, o “selvagem” afirma: “Trouxestes coisas muito bonitas que não temos em nossa terra”³³. Essa frase deve ser respondida com choro assim como faziam as mulheres Tupinambá ao receberem o visitante. Isso é complementado pelo oferecimento de comida, bebida, rede para dormir e fogo para aquecer durante a noite, assim como, frutas e objetos da terra, os quais são ofertados pelas mulheres, com a intenção de trocá-los por espelhos, miçangas ou pentes. Dessa forma complementa:

³⁰ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p.121

³¹ *Ibidem*, p. 234

³² *Ibidem*, p. 235

³³ *Ibidem*, p. 237

[...] Depois de comer, beber e repousar ou dormir em suas casas, o hóspede bem intencionado deve dar aos homens facas ou tesouras ou pinças de arrancar barba. Às mulheres dará pentes e espelhos, e aos meninos anzóis. E se desejar negociar víveres ou outros objetos perguntará quanto querem por eles e, entregue o valor convencionado, poderá levar a mercadoria.³⁴

Refere-se ainda, ao casamento entre os estrangeiros cristãos e as indígenas, em que seria condenado à morte aquele que se unisse a uma índia, a menos que essa aprendesse os costumes cristãos e fosse batizada.

Outra prática indígena descrita por Jean de Léry e que podemos ressaltar, é a de transportar os viajantes nas costas “Não havendo cavalos nem asnos ou outros animais de carga nesse país, o transporte se faz em geral a pé e se o viajante se sente cansado basta acenar com uma faca para que os selvagens se ofereçam como carregadores”³⁵.

Sobre a forma como recebem os visitantes estrangeiros Léry conclui:

E direi ainda que principalmente os velhos, a quem outrora faltavam machados, foices e facas, e que agora possuem esses instrumentos preciosos para as suas indústrias, tratam muito bem os franceses que os visitam e na previsão do futuro exortam os moços a que façam o mesmo.³⁶

Dentre as práticas observadas por Léry no tratamento dado aos inimigos, devemos ressaltar o sacrifício empregado pelos indígenas aos prisioneiros de guerra (homem ou mulher), observa ele:

³⁴ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p.239

³⁵ *Ibidem*, p. 239

³⁶ *Ibidem*, p. 243



[...] Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados mas ainda lhes concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe todas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras conservam-nos durante certo tempo [...]³⁷

Segundo o francês, há um cerimonial o qual os “selvagens” seguem para a morte dos prisioneiros: após avisarem as aldeias vizinhas do dia da execução e do prisioneiro enfeitá-lo, comer, beber e dançar, aquele que será executado é amarrado e exibido para todos os presentes e nesse momento diz: “Também eu, valente que sou, já amarrei e matei vossos maiores”³⁸ e ainda:

Comi teu pai, matei e moqueei a teus irmãos; comi tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes os nomes; e ficai certos de que para vingar a minha morte os maracajás da nação a que pertenço hão de comer ainda tantos de vós quantos possam agarrar.³⁹

O prisioneiro tem, ainda, o direito de vingar-se atirando pedras nos que assistem a sua execução. O ritual de sacrifício é terminado com um golpe fatal que é aplicado na cabeça do inimigo. Após tal cerimonial é iniciado o processo de esquartejamento e divisão das partes do corpo do morto para iniciar-se a comilança.

[...] as [...] mulheres, sobretudo as velhas, [...] chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; [...] Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carneiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro. [...]⁴⁰

³⁷ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p. 193

³⁸ *Ibidem* p. 194

³⁹ *Ibidem*, p. 194

⁴⁰ *Ibidem*, p. 198

Quanto ao moqueamento, nos mostra o cronista que,

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moqué, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorrem pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; [...]

Quando a carne do prisioneiro, ou dos prisioneiros, pois às vezes matam dois ou três num só dia, está bem cozida, todos os que assistem ao fúnebre sacrifício se reúnem em torno dos moquéns, contemplando-os com ferozes esgares; e por maior que seja o número de convidados nenhum dali sai sem o seu pedaço.⁴¹

São esses portanto, os laços sociais mais importantes que pudemos destacar na crônica do francês, no entanto, segundo Jean de Léry, a família indígena era composta de pai, mãe e filhos. Desta forma, podemos analisar a partir do texto do cronista, os laços de parentesco distribuindo-os em três categorias: os laços de maternidade, os de fraternidade e os de paternidade, pois afirma Léry: “[...] eles observam tão somente três graus de parentesco, ninguém toma por esposa a própria mãe, a irmã ou filha, mas o tio casa com a sobrinha e em todos os demais graus de parentesco não existe impedimento”

2.1. Laços de maternidade:

Os laços de maternidade, estabelecidos pelos Tupinambá e observados por Léry, têm grande importância na composição daquela sociedade. Observamos esses laços desde a gravidez até a forma de cuidar dos filhos, enquanto papel exclusivo da mãe. Dentre essas práticas ressaltamos o modo de carregar as crianças, citados em pelo menos dois momentos do texto: “com o filho preso

⁴¹ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p. 199

a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas”⁴² e “penduram o filho no pescoço por um cinta de algodão e vai tratar da horta como de costume”⁴³.

Em relação à gravidez, é interessante ressaltar que as mães continuavam com suas tarefas do dia-a-dia, evitando, somente, carregar peso.

Quanto à alimentação dos recém nascidos, Léry observou que eles eram nutridos com farinha e carnes macias contudo, continuavam a serem amamentados pelas próprias mães ao contrário do costume europeu, como disse Léry,

Não digo isso com o fito de censurar nossas mulheres que, [...] embora nada as impeça de amamentar os filhos como as mulheres americanas, cometem a desumanidade de entregá-los a pessoas estranhas mandando-os para longe, onde muitas vezes morrem sem que o saibam as mães [...]⁴⁴

Ao observar de que maneira era feita a higienização dos filhos o cronista francês diz que:

embora as mulheres desse país não tenham fraldas para limpar o traseiro dos filhos e que nem sequer se sirvam de folhas de árvores que possuem em abundância são tão caprichosas que com pauzinhos em formas de pequenas cavilhas os limpam com muito asseio; e tão bem o fazem que jamais os vereis emporcalhados⁴⁵

Sobre o relacionamento entre mães e filhas, Léry destaca apenas o tratamento dado pelas primeiras a essas no período menstrual, escreve ele:

[...] nunca percebemos nas mulheres sinais de menstruação. Penso que os afastam ou empregam modos de sangrar diversos das européias, pois vi meninas de doze a

⁴² LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p.118

⁴³ Ibidem, p. 226

⁴⁴ Ibidem, p.226

⁴⁵ Ibidem, p.227

quatorze anos cujas mães ou parentas as punham de pés juntos sobre uma pedra e com um dente afiado de animal lhes faziam incisões no corpo desde o sovaco até as coxas e os joelhos; e as raparigas com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo. Creio que procedem deste modo desde o início para que não lhes vejam as impurezas.⁴⁶

2.2. Laços de fraternidade

Nesse aspecto a crônica não se atém a detalhes, entretanto menciona Léry, o oferecimento da própria irmã para casar-se com o prisioneiro quando do ritual de sacrificio desse. Narra o cronista: “[...] mas ainda lhes concedem mulheres [...], não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento.”⁴⁷

A despeito da raridade de detalhes sobre tal assunto, Léry prende-se a narrar sobre a amizade e solidariedade sobre os indígenas. Essa talvez fosse mais importante que o laço consanguíneo. No momento da doença e da morte, ele descreve alguns rituais praticados pelos ameríndios:

Se acontece cair doente algum deles, logo mostra a um amigo a parte do corpo em que sente mal e esta é imediatamente chupada pelo companheiro ou por algum pajé [...] Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto.⁴⁸

2.3. Laços de paternidade

Os laços de paternidade são aqueles que havia entre pais e filhos, e pais e filhas. Podemos observar essa relação, segundo Léry, desde a hora do parto, no qual o pai era fundamental, como descreve o cronista: “O pai recebeu a criança nos braços, depois de cortar com os dentes o cordão

⁴⁶ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p.228

⁴⁷ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p. 193

⁴⁸ *Ibidem*, p. 245-6

umbelical e amarrá-lo”⁴⁹. Ao observar que o recém-nascido é do sexo masculino, os quais são preferidos por causa das guerras, visto que entre eles só os homens combatem, o pai, após achar o nariz da criança com o polegar, limpá-lo e pintá-lo, deita-o em uma rede de algodão e diz: “Meu filho, quando cresceres serás destro nas armas, forte, valente e belicoso para te vingardes dos teus inimigos”⁵⁰.

O laço entre os pais e os filhos do sexo masculino era, segundo a observação de Léry, mais de ensinamentos para que os meninos se tornassem valentes guerreiros, como pudemos notar no trecho a seguir: “[...] esses selvagens pegam os filhos uns após outros e lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas com o sangue inimigo a fim de torná-los mais valentes”⁵¹.

O relacionamento com as filhas era, portanto, diferente. Cabia ao pai oferecer em casamento a filha, quando da cerimônia de sacrifício dos inimigos. “[...] Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados mas ainda lhes concedem mulheres [...], não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento”⁵².

Não obstante, os pais prostituíam as filhas, como esclarece o cronista: “É certo que antes de casá-las os pais não hesitam em prostituí-las a qualquer varão”⁵³. Contudo não significa dizer, segundo Léry que elas ficavam com má fama: “[...] nem por isso elas ficavam difamadas”⁵⁴.

Quanto aos nomes dados aos filhos, o pai Tupinambá, os nomeavam baseados em animais e objetos que têm importância para eles, como *oropacan* (*oropá* - arco e *can* - corda).

⁴⁹ Ibidem, p. 225

⁵⁰ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p. 225

⁵¹ Ibidem, p. 199

⁵² Ibidem, p. 193

⁵³ Ibidem, p. 224

⁵⁴ Ibidem, p. 224

3. LAÇOS FAMILIARES: ENTRE A TERRA DO BRASIL E A EUROPA

A partir das práticas indígenas descritas por Léry em sua crônica “Viagem à terra do Brasil”, nos foi possível perceber e compreender as representações do autor, em relação à Europa do século XVI, bem como, as condições de produção da obra no contexto da Reforma Protestante e de todos os transtornos enfrentados pelo autor.

Em sua crônica Léry descreve aspectos dos laços sociais e de parentesco entre os índios brasileiros. Dessa forma, foram destacados no capítulo anterior aqueles que se adequam ao objeto de estudo dessa pesquisa.

Notamos, então, que as descrições dos costumes cotidianos dos Tupinambá feitas pelo cronista estão baseadas em representações pré-definidas pela cultura e vivência européias, apesar de Léry se mostrar compreensivo com a cultura indígena em alguns momentos do texto, como fica claro no seguinte trecho: “Entendi [...] que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa”⁵⁵. Contudo, notamos em outros momentos o choque cultural claramente expressos nas palavras do cronista.

3.1. Visão geral sobre o indígena

Para Léry, que estava inserido em um contexto de descobertas diferente do contexto de outros viajantes europeus, a idéia de indígena se baseava no comércio que havia entre aqueles e este: trocas de mercadorias que não eram desiguais, visto que a novidade ocorria para as duas partes. Leyla Perrone-Moisés afirma em seu artigo que: “as mercadorias trocadas correspondiam

⁵⁵ LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*, p.221

a desejos muito humanos de novidades e singularidades e que, nesse sentido, tanto europeus quanto ameríndios fazia excelentes negócios.”⁵⁶

Essas trocas demonstram também que os franceses não apresentavam o índio como conquista, mas como negociadores, o que mostra a diferença dos objetivos franceses e portugueses, por exemplo, no contato com os índios da terra do Brasil, como afirma César Bragapinto.

3.2. Visão geral de família na Europa

A família europeia se encontrava no centro da vida privada, com suas mulheres e filhos. Salienta-se, no entanto, a raridade de depoimentos femininos nos textos da época, sendo as principais fontes de pesquisa para o estudo da família no período, os textos e diários feitos pelos homens. Assim, não encontramos nos textos da época a mulher vista por ela mesma, e os homens tornam-se a figura central destes escritos - é notável, portanto, que na narrativa de Léry o principal foco seja dado às práticas masculinas dos Tupinambá.

Em relação a essas práticas masculinas, ele destaca a valentia, na qual percebemos grande influência do que ocorria na Europa, onde cabia ao homem sustentar e proteger aqueles que estavam sob sua responsabilidade e cuidar para que todos os membros da família seguissem o que fosse determinado por ele. Esta, por sua vez, não consistia apenas em uniões por laços de consangüinidade: os criados faziam parte dela, assim como, todos os que seguissem o caminho considerado correto pelo pai, pois “[...] o magistério do pai de família se exerce muito além do exercício do culto doméstico. Cabia-lhe velar para que todos, inclusive os criados, sigam o caminho do bem.”⁵⁷

⁵⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry*.

⁵⁷ ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. *História da vida privada*, p. 104

Com isso, podemos notar também a divisão das tarefas, cabia a mulher europeia cuidar da casa, dos filhos, do marido, administrar a fortuna. Da mesma maneira, podemos notar clara influência de Léry ao descrever a divisão de papéis entre os ameríndios - havia, portanto, semelhança na divisão dessas tarefas nas duas sociedades, onde mulheres e homens tinham lugares definidos no núcleo familiar.

O relacionamento entre homem e mulher na Europa também influenciou o cronista. Em textos da época, notamos que esse tipo de relação é parecida com a dos Tupinambá, ao narrar sobre o tratamento dado às esposas, o cronista deixa clara a idéia europeia sobre o assunto, os maridos europeus podiam casar-se após a morte de suas esposas e não havia entre elas diferença no tratamento, assim como não havia diferenças no tratamento dado pelos indígenas às suas mulheres. A diferença estava no fato de que para esses indígenas não havia problema em ser casado com quantas lhes fosse conveniente, além do que quanto maior o número de mulheres maior a valentia do guerreiro. Embora, nos dois casos não fosse permitido o adultério feminino, a escassez de relatos sobre a vida das mulheres nos deixa explícito que elas não eram sequer ouvidas, menos ainda falar em assunto tão condenado pela sociedade, e, Léry deixa claro isso em seu texto, ao falar sobre os castigos pregados a uma adúltera.

A relação entre o casal na Europa era de amor e amizade, cartas revelam esses dois sentimentos, como por exemplo uma que foi escrita pela esposa:

Coração querido, estou feliz por encontrar esta oportunidade de, neste primeiro dia do ano, renovar o voto que fiz de amar-vos por toda a minha vida e não querer ninguém no mundo senão a vós. Peço-vos, meu caro amigo, que vos lembreis de mim, pois sempre que pensardes em mim descobrireis que meu pensamento está em vós, de modo que, se nossos coros estão separados, nossos espíritos estejam sempre juntos.⁵⁸

⁵⁸ ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. *História da vida privada*, p. 254

Nos modos de tratar os visitantes, assim como os índios Tupinambá descritos na crônica de Jean de Léry, os europeus também eram hospitaleiros e tratavam os seus hóspedes com atenção:

[...] após uma entrada inesperada na cozinha do solar; o visitante é convidado a sentar-se à mesa já posta. Porém, maior que a hospitalidade da refeição é a da pousada e da ceia. Na hora em que o dia termina em Mesnil-au-Val - “era sol posto”, “morria o sol” - , Gilles de Gouberville retém o visitante sob o teto protetor, ao abrigo da sombra noturna, dos perigos do trajeto na escuridão, do medo ancestral da noite.⁵⁹

É na doença que podemos notar melhor a solidariedade e a sociabilidade européias, na assistência ao doente, nos presentes para confortá-lo e nos cuidados constantes. O leito do enfermo se encontra no centro da sociabilização da família e dos mais próximos, ele nunca está sozinho. Entre os protestantes, então: “Não se fará prece ou prédica nos enterros a fim de evitar qualquer superstição,”⁶⁰ e segundo eles, ainda: “Para o defunto, de nada servem as preces dos parentes e amigos, e estes, seguros de sua eleição, não precisam de consolo: a salvação é assunto pessoal e a esperança dos sobreviventes é uma certeza”⁶¹

É nas relações sociais dos indígenas que Léry nos mostra toda a influência exercida pelas práticas sociais européias sobre ele. Podemos notar o enfoque dado pelo cronista às práticas em grupo dos indígenas, o que ocorria também entre os europeus, os quais passavam pelas reformas religiosas do século XVI, que davam grande ênfase aos atos comunitários, como afirma Phillippe Ariès que são “as formas novas de religião que se estabelecem no século XVI e XVII [...] que vão modificar as mentalidades, em especial a idéia de si mesmo e do próprio papel na vida cotidiana da sociedade”⁶²

⁵⁹ ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p. 346

⁶⁰ Ibidem, p. 109

⁶¹ Ibidem, p. 109

⁶² Ibidem, p. 111

3.3. Laços de maternidade europeus

Dentre os laços de maternidade existentes na Europa, cabia às mulheres o cuidado com os filhos, entretanto, essa ligação entre mãe e filho não se demonstrava na amamentação, visto que as européias mandavam os seus recém-nascidos para serem amamentados por amas de leite, fato que não ocorria entre as índias e foi observado por Léry com certa admiração:

[...] e são tão delicadas que embora nada as impeça de amamentar os filhos, como as mulheres americanas, cometem a desumanidade de entregá-los a pessoas estranhas mandando-os para longe, onde muitas vezes morrem sem que o saibam as mães, as quais só os querem juntos quando, já bem grandinhos, podem diverti-las.”⁶³

Esse relacionamento fica claro no trecho que trata do retorno da filha após um tempo sendo amamentada por uma nutriz: “Com quase dois anos ela volta para casa dos pais [...]. Entre mãe e filha desenvolve-se então um novo relacionamento, mais afetuoso”⁶⁴. É só a partir dessa volta para o lar que a ligação entre mãe e filha pode se transformar. É importante lembrar que são raros os textos escritos por mulheres para seus filhos ou sobre eles, o que dá uma visão quase exclusivamente masculina desse assunto, assim como a presença das mães e esposas nesse tipo de escritos.

A criança aparece nos livros de despesa da família, primeiro antes do nascimento nas despesas com o enxoval, depois com a compra de mais peças para completá-lo e mesmo quando se encontra sob os cuidados da nutriz a criança continua a aparecer nesses livros, pois é necessário comprar para ela a vestimenta e o que mais for necessário. Segundo Chartier e Ariès:

⁶³ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p.226

⁶⁴ ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p.352

Um mês antes do nascimento da criança, compra-se um cesto, um berço, uma coberta e um colchãozinho; pouco após o nascimento, talvez antes que se esperasse, compra-se “uma vara de sarja para o berço da menina”. Depois a criança é confiada a uma nutriz, mas está sempre presente nas contas: aos oito meses, um par de sapatinhos e dois pares de meias; depois, outro par de sapatos e “um par de luvas de camurça” quando tem um ano; aos nove meses, uma cadeira para a menina”; a um ano, “brinquedos de criança”; aos dezoito meses, “um brinquedo”.⁶⁵

Mesmo ao falar sobre a morte da filha, a mãe é econômica nas palavras, considerando que os cadernos de despesa não eram os mais apropriados para expressar os sentimentos, uma única frase alude a sua morte: “seis libras para enterrar minha pobre filha”⁶⁶

Não havia lugar para a afetividade entre mãe e filhos, o carinho entre eles era condenado, como fica claro em: “Os mimos são a causa de muitas fraquezas. Algumas mães não se entregam a comportamentos execráveis? Como aquelas que, logo após o parto, e portanto estando impuras, não conseguem ‘abster-se desse zelo indiscreto de abraçar e beijar o filho’”⁶⁷

É com essa raridade de detalhes que Léry narra em sua crônica a relação mãe e filha entre os Tupinambá, que mesmo a despeito da pouca informação, nos permitiu assim perceber a representação que ele tinha desse tipo de laço.

3.4. Laços de fraternidade europeus

Os laços de fraternidade entre os europeus podem ser encarados como laços de irmandade. Havia uma ligação deste tipo entre as pessoas mesmo não havendo consangüinidade. Os indivíduos se consideravam mais que amigos - não que a amizade não ocupasse lugar de destaque naquela sociedade, mas ela era o caminho para que eles se tratassem e convivessem como irmãos.

⁶⁵ ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p.352

⁶⁶ *Ibidem*, p.352

⁶⁷ *Ibidem*, p.323

A amizade era muito bem vista entre os europeus e esta superava o parentesco, como também fazia com que os indivíduos se ajudassem. Falando a respeito de Lorenzo Alberti “Queremos que todos nos reconheçam como teus bons e fidelísimos parentes e, se a amizade tem mais força que o parentesco, agiremos da mesma forma como amigos verdadeiros e corretos.”⁶⁸ Esse relacionamento explica-se pelo fato de que em certas regiões da França havia um sistema no qual ocorria o reagrupamento de co-residentes os quais viviam sob a autoridade de um único chefe.

Outro aspecto importante desse laço era o título de compadre ou comadre, além da vizinhança, essas relações se concretizavam com a solidariedade nas “dificuldades financeiras, tutela de órfãos, aprendizagem e formação profissional, arbitragem dos conflitos de interesses e, obviamente, também a inevitável vendeta.”⁶⁹

Léry não se atém aos laços de fraternidade consangüíneos entre os Tupinambá, mas observou a grande amizade existente entre os indígenas de uma aldeia e outra, assim como a solidariedade entre os membros de uma mesma tribo. Esses laços são percebidos pelo cronista, por exemplo, ao narrar o convite que era feito quando se dava o sacrifício de algum inimigo: “Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens, mulheres e meninos.”⁷⁰ Os cuidados com os doentes também representavam uma forma de demonstrar amizade: “Se acontece cair doente algum deles, logo mostra a um amigo a parte do corpo em que sente mal e esta é imediatamente chupada pelo companheiro ou por algum pajé [...]”⁷¹. Da mesma maneira, ocorria com aqueles que estavam próximos da morte:

⁶⁸ ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p. 459.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 459

⁷⁰ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, p. 193

⁷¹ *Ibidem*, p. 245

Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em alguma aldeia onde tenha morrido alguém, não nos será possível fechar os olhos para dormir. As mulheres sobre tudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem.⁷²

Assim, notamos as representações de amizade e fraternidade que Léry compartilhava na sua sociedade e as que ele considerou mais relevantes na sociedade Tupinambá.

3.5. Laços de paternidade na Europa

Quanto aos laços de paternidade, podemos observar também na Europa, uma divisão entre a relação pai e filho e pai e filha. Assim como entre os Tupinambá, é clara a preferência do pai pelo menino. Se entre os indígenas o nascimento de um filho era comemorado, entre os europeus isso também ocorria naturalmente, principalmente entre o pai e o filho mais velho. Segundo Ariès, a relação entre eles era de intimidade e amizade:

as relações entre pais e filhos [...] eram tão íntimas que o tabu masculino contra os gestos afetivos e a expressão de emoções internas suscitou uma espécie de gênero literário, epistolar ou testamentário; pai e filho escrevem um para o outro, mesmo quando vivem sob o mesmo teto⁷³.

E mais uma vez é na morte que o carinho entre eles se revela com maior intensidade, como escreveu, em seu diário, Olivier Lefebvre d'Ormesson sobre seu filho André,

Ele me amava e eu o amava e eu o amava com muita ternura, e entre nós os nomes de pai e filho só faziam aumentar nossa amizade recíproca e torná-la mais legítima e forte. Essa amizade, que durante toda a sua vida foi minha alegria, desde sua morte tem sido minha aflição [...]. Perco um filho, isso não basta para expressar minha dor, nem sempre a perda de um filho é uma grande aflição para um pai, mas perco um filho amável [...].⁷⁴

⁷² Ibidem, p. 246

⁷³ ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p.260

⁷⁴ ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p. 260

Entretanto, também havia rupturas e essas eram registradas com detalhes confessando o problema e esclarecendo para quem teria sido transferida a amizade íntima, diz Philippe Ariès, “Arnauld d’Andilly elaborou toda uma filosofia da amizade em torno de suas calorosas relações com o pai e o sogro - talvez para compensar a ruptura violenta com o filho mais velho”⁷⁵

O cronista francês ao descrever tais práticas aproxima-se dos relatos dos diários de família. Notamos que o relacionamento com o filho mais velho se dava, especialmente, no contexto da Reforma Protestante pelo ato do pai passar para o filho mais velho a posse da Bíblia, que era lida em uma cerimônia em família. “Esta Bíblia me foi dada por monsieur du Plessis, meu honradíssimo pai. Desejo que depois de mim passe para Philippe des Nouhes, meu filho mais velho”⁷⁶

Mas é na hora do nascimento dos filhos que os diários deixam explícitas a presença do pai, ao contrário dos pais indígenas, os europeus não participavam ativamente do parto, mas a sua espera por notícias da esposa e do filho foi registrada, principalmente quando ocorria de um dos dois morrer, e se fosse a esposa era nesse momento que ela aparecia com frequência nos registros, é, aí também, que transparecem os sentimentos do marido, “Sexta-feira faleceu damoiselle Anne Clavetier, minha querida esposa, às duas horas da manhã. Era uma pessoa mui digna e virtuosa e com a qual eu vivera feliz durante nosso casamento”⁷⁷

Na crônica de Léry, a participação do pai no parto é ativa, esse faz parte do momento do nascimento, inclusive, no procedimento de cortar o cordão umbilical, o que ele faz com os dentes. O pai europeu participava passivamente desse momento, enquanto que entre os “selvagens” o

⁷⁵ Ibidem, p.260

⁷⁶ Ibidem, p.104

⁷⁷ ARIÈS, Philippe;CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, p. 348

homem era ativo nesse processo. Léry nos mostra com isso, que os laços de paternidade existentes em uma sociedade e outra podem ser parecidos no sentido de haver uma presença masculina nessas práticas, que de certa forma, são femininas.

O tratamento dado às filhas era diferenciado, dada a sociedade paternalista e moralista da época e da rigidez na educação feminina em geral, isso pudemos observar na raridade de relatos feitos por mulheres, sobre elas ou sobre qualquer outro assunto.

Contudo, há um relato que foge a essa regra é o de Henri de Campion, o qual expressou todo o seu amor por sua filha, após a morte da menina: “Eu a amava com um carinho que não sei exprimir”; e completa: “em casa eu passava o tempo com grande alegria [...] a brincar com minha filha, que malgrado sua tenra idade tanto divertia os que a viam”.⁷⁸

César Braga-Pinto afirma que a crônica de Léry tem sua singularidade expressa, não só na “construção de pessoa”, como também “a sólida tematização do eu diante da realidade externa que descreve,”⁷⁹ dado que em seu livro há uma demonstração de seu caráter, pois nos momentos em que ele faz uma auto-reflexão, notamos sua intenção de legitimar suas representações sobre o Novo Mundo. “Para legitimar sua própria verdade, Léry escreve um relato que descreve tanto a realidade externa quanto a realidade do ‘eu’.”⁸⁰

Isto significa dizer que, o cronista francês escreve seu livro na tentativa de justificar as suas próprias convicções, entretanto utiliza-se das representações do outro, que nesse caso é a sociedade Tupinambá. Assim, em certos momentos, notamos que essas representações se entrelaçam e Léry, em alguns momentos se vê ali e em outros tenta desvencilhar-se.

⁷⁸ Ibidem, p.352

⁷⁹ BRAGA-PINTO, César. **As promessas da história**, p. 128

⁸⁰ Ibidem, p. 128

CONCLUSÃO

O trabalho com crônicas nos leva a uma dimensão da história que passa pela dualidade de verdadeiro e falso, mas nos faz querer, por outro lado, analisar não se é ou não verossímil o que está escrito, mas sim, analisar as representações que foram utilizadas - de forma consciente ou não - para dizer o que se viu e/ou o que se viveu. No caso de Jean de Léry, a convivência com uma sociedade tão diferente daquela na qual ele estava inserido.

Dessa forma, temas relacionados ao Renascimento europeu, à Reforma Protestante, ao Calvinismo foram utilizados, sim, mas como pano de fundo cujo intuito era clarear o objeto de estudo ao qual a monografia se propôs. Temos consciência da brevidade com que os abordamos e da importância dos mesmos. Seria inevitável inseri-los nesta pesquisa, pois Léry produziu sua crônica em tal contexto. Entretanto o espaço da monografia é, em si, limitado não havendo meios para aprofundá-los. Mantivemo-nos orientados ao nosso eixo, buscando não “fugir” do mesmo e, portanto, ainda que as temáticas sejam fundamentais para o entendimento, foi apenas possível abordá-las com certas restrições. Esses temas não explicariam por si só as representações feitas por Léry, mas auxiliaram nesta busca.

Em relação à maneira como o cronista trata o objeto desta pesquisa, percebemos que não há uma organização dos temas aqui abordados - laços familiares e laços sociais. Eles são abordados no capítulo XVII, intitulado: “Do casamento, poligamia e graus de parentesco entre os selvagens bem como o modo de tratar os filhos”, mas foram encontrados, também, em outros momentos do texto. Dessa forma, organizamos o objeto para que ele fosse analisado de maneira que não fugíssemos dele, apesar de haver na crônica outros assuntos que despertaram interesse.

Assim, observamos que o texto de Léry é bastante europeizado, pois há nele representações compartilhadas com as suas próprias representações de europeu calvinista às quais não pôde fugir.

Como exemplo temos a educação patriarcal dada aos filhos entre os Tupinambá e que, por sua vez, também ocorria na Europa, assim como a prática das mães de cuidarem dos filhos e do marido, além de serem as “rainhas-do-lar”.

A obra de Jean de Léry traz diversos elementos passíveis de estudo que não foram aqui abordados. Este trabalho não encerra toda as possíveis construções do conhecimento histórico a partir da obra desse cronista. A antropofagia, a religiosidade Tupinambá, as guerras entre as tribos, os rituais de sacrifício, entre outros, são temas que podem ser estudados em pesquisas futuras.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fonte

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia, 1980, v.10 (Reconquista do Brasil).

Bibliografia

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. 6.ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1976.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **Pensando a família no Brasil**: da Colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço é Tempo, 1987.

ALMEIDA, Maria Suely Kofes et alli. **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada**. v. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAGA-PINTO, César. **As promessas da história**: discursos proféticos e assimilação no Brasil Colonial (1500-1700) São Paulo: EDUSP, 2003, p. 125

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: EDUSP, 1992.

DUBY, Georges et. alli. **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986.

DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revisita Brasileira de História**. v. 22, n. 44, São Paulo: ANPUH, 2002. p. 267-288.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: as origens da família patriarcal brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

LE GOFF, Jacques. História do Cotidiano. In: DUBY, Geoerges et alli. **História e nova história**. Lisboa: Ed. Teorema, 1986.

MATOSO, Kátia de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Corrupio, 1988.

MESGRAVIS, Laima. A sociedade brasileira e a historiografia colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry. **Revista USP**. n. 30, São Paulo, 1996, p. 86-93

PRADO Jr., CAIO. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1965.



PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: s.n., 1928.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**: a representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

REVISTA USP. Dossiê dos Viajantes. n. 30, São Paulo: USP, jun./ago. 1996.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A Família Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História)

SAMARA, Eni de Mesquita. A história da família no Brasil. **Revista Brasileira de História**. v. 9, n. 17, São Paulo: ANPUH, 1989.

SALGUEIRO, Valéria. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**. v. 22, n. 44, São Paulo: ANPUH, 2002. p.289-310.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: EDUSP, 1984.

SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. (Org.) **História da vida privada no Brasil**. v. 1 Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.